

Tucanos decidem sábado

rumos do 2º turno

Brasília, domingo, 19 de novembro de 1989 13

LAURA FONSECA

AROUNO



Scalco: espera

“Vamos mostrar uma lição de democracia ao País, honrando o voto que a proposta do PSDB recebeu nas urnas: ser um partido social-democrata que decide em termos político-programáticos o seu futuro”, diz o líder dos tucanos na Câmara,

deputado Euclides Scalco, adiantando que o partido sairá coeso desse dilema de apoiar um dos candidatos no segundo turno ou permanecer neutro.

Para Scalco, somente depois das três reuniões programadas para a semana próxima em Brasília, o PSDB vai anunciar sua decisão. Na terça-feira, às 14h, haverá encontro da Executiva Nacional, na quinta-feira se reúnem as bancadas da Câmara e do Senado, às 10h, e no sábado, também às 10h, os 121 membros do Diretório Nacional discutirão os novos rumos do partido que deseja esgotar as instâncias partidárias antes de uma decisão.

O deputado acredita que, embora o quarto lugar de Mário Covas não o credencie para disputar o segundo turno das eleições presidenciais, o PSDB sai das urnas como partido consolidado nacionalmente e alvo de tentativas de conquista de apoio, seja por parte de Collor de Mello, seja pelo candidato da esquerda, provavelmente Lula, em hipótese remota, Leonel Brizola.

Com a falência dos dois maiores partidos — PMDB e o PFL — os tucanos com sua bancada federal de 62 deputados e senadores representam um peso político importante, seja para o segundo turno, seja para as eleições de governadores e parlamentares em 1990. Para garantir que escolherá certo suas alianças e novos postulantes, os tucanos resolveram hibernar, depois da reunião de quinta-feira passada, em São Paulo, na casa do presidente do partido, Franco Montoro. Nada será decidido, sequer negociado antes das reuniões da semana próxima.

Se houver realmente coerência política no partido, a hipótese de apoiar Collor de Mello deverá ser descartada. O próprio Mário Covas, antes do primeiro turno indicou que, em caso de derrota, apoiaria Brizola ou Lula. Há opiniões divergentes no partido, como Fernando Henrique Cardoso, José Serra e José Richa que, por motivos pessoais, cortejam esta possibilidade, por terem dificuldades de conviver com a Frente Brasil Popular de Lula, especialmente os setores extremados do PC do B e CUT.

É justamente para impedir apoios isolados que a cúpula do PSDB montou a estratégia de usar as instâncias parti-

dárias para forçar uma posição em bloco que irá fortalecer o partido e salvaguardar seu capital político obtido nas urnas.

Com a ala jovem do partido — Sigmaringa Seixas, Vicente Bogo, Ana Maria Rattes, Vilson Souza, Nilton Friedrich — acontece exatamente o oposto: eles se dão muito bem com o PT, tendo mesmo feito uma tentativa de migrar para a candidatura Lula em outubro passado, desanimados com o voo razante do tucano na corrida presidencial. Os cardeais do partido intervieram com energia e a turma recuou.

Na verdade, quem vai mesmo decidir é Franco Montoro, Pimenta da Veiga, Euclides Scalco, Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso, Hélio Jaguaribe, José Richa, Jaime Santana, ou seja, os membros mais ativos do partido. Sua maior preocupação é com o futuro do PSDB a médio e longo prazos, não desejando inchar como partido e obter posições de governo para depois murchar. “O PSDB veio para ficar na cena política brasileira”, diz Scalco.

O deputado paranaense não quer adiantar posições por entender que qualquer negociação terá que ser feita através do presidente Franco Montoro, com representantes das outras partes, somente depois que a decisão consensual do partido estiver tomada. “Antes disso, todas as conversas terão caráter informal”.

Apesar de tanta cautela, ele reage com surpresa ante à possibilidade de Covas aceitar ser vice, na chapa de um dos candidatos ao segundo turno.

Para os tucanos duas coisas são fundamentais: fortalecer a democracia através do respeito aos resultados das urnas e preservar a identidade ideológica do partido. “Não se trata de ficar discutindo sobre direita e esquerda, mas permanecer fiel ao programa do partido e aos compromissos de lutar pelo crescimento econômico do País com distribuição de renda, favorecer educação e saúde gratuitas para toda a população, apoiar planos de moradia para os brasileiros de baixa renda, seja pela ação parlamentar, seja exercendo cargos executivos nos municípios, estados ou no plano federal”, explica Otávio Elísio.

O PSDB defende a absoluta coerência entre programa partidário e programa de governo, não aceitando a conhecida regra de que “na prática, a teoria é outra”, reforça Euclides Scalco. “Se não permanecermos fiéis aos compromissos, não será possível manter coerência partidária ou ideológica e este tem sido o principal motivo da falência dos partidos políticos no País e do descrédito da classe diante da população. Não se pode dizer uma coisa e fazer outra, sob pena de perder a credibilidade e a coerência, ganhando talvez uma batalha, mas perdendo a guerra”, conclui.